

Cultura globalizante: do Touro de Ouro à Vaca Magra

Carolina de Almeida Santos Cidade¹
Elis de Araújo Miranda²

GT3. A produção da cidade, redes, agentes e ações da periferia

RESUMO:

O presente trabalho é resultado das reflexões realizadas no curso de mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP) e tem por objetivo apresentar uma discussão sobre a relação entre a produção concreta e a produção simbólica do espaço a partir da análise da repercussão do episódio das instalações artísticas da *Vaca Magra*, obra da artista plástica cearense Márcia Pinheiro e do *Touro de Ouro*, assinado por Rafael Brancatell. Como contextualização, outras duas esculturas foram apresentadas, a saber: *O Bulle und Bär* e o *Charging Bull*. Para subsídio da discussão, objetivou-se relacionar as três perspectivas da globalização de Milton Santos à luz da simbologia que esses monumentos trazem para a sociedade atual. Como objetivos específicos adotou-se: 1) Apresentar a situação socioeconômica e política do país em 2022; 2) Identificar ações da/na rede sociotécnica a partir da repercussão das instalações das obras selecionadas em frente à bolsa de valores de São Paulo, em novembro de 2020, e; 3) Refletir sobre a cultura política no Brasil a partir dos discursos dos defensores de ambas as obras artísticas. O exercício metodológico foi realizado a partir do levantamento documental de reportagens relacionadas às obras instaladas em São Paulo, além da leitura de “Por uma outra Globalização” de Milton Santos, associado ao conceito de redes sociotécnicas de cultura, cultura política no Brasil e outras leituras complementares associadas ao tema.

Palavras-chave: globalização; neoliberalismo; movimento social

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP) / Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (2016).

carolinacidade@id.uff.br

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (PPGDAP) / Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (2016).

carolinacidade@id.uff.br

Introdução

Devido a uma tendência política conservadora-autoritária que vem se alastrando na periferia do capitalismo e que no Brasil em 2022, ficou escancarado com a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, o agravamento de problemas sociais, aqui tratado como um marco do atual cenário político-econômico-cultural brasileiro. Este cenário começou a ser desenhado no contexto do golpe jurídico-parlamentar-empresarial, em 2016. O avanço de políticas neoliberais e os cortes em programas de distribuição de renda levou de volta o Brasil ao mapa da fome, com altos índices de desemprego (ASSIS, 2022). Todo esse cenário foi agravado com a pandemia de COVID-19 que expôs a crise econômica, a crise de saúde pública, as condições insalubres das habitações, nos índices de violência contra mulheres, resultando na ampliação do número de pessoas que passam fome no país e na queda dos indicadores sociais de forma geral.

As Tecnologias de Informação e Comunicação assumem um papel decisivo na dinâmica espacial predominante nas cidades brasileiras e do mundo global, principalmente após o advento do que Milton Santos (1997) denomina revolução técnico-científico-informacional, iniciada ao final do século XX, formatando uma sociedade conectada em rede, capaz de responder às demandas do processo de globalização cada vez mais intenso e veloz.

No atual contexto, de miséria e desigualdade, a produção artístico-cultural se inspira e se torna a própria forma de crítica social e resistência política no mundo todo. Entretanto, as intervenções artísticas urbanas estão o tempo todo sujeitas a interações, inerente à natureza da própria obra de arte. Não existe arte sem interação entre o criador, a criação e os observadores. Atualmente, quando é instalada uma obra de arte em uma cidade, a interação com os observadores passa a ser mediada pelas redes informacionais que em outros tempos só poderia acontecer presencialmente, como é o caso de painéis de pixo e graffiti, mas também de outras formas de intervenções artísticas. De certa forma as redes sociotécnicas são capazes de tornar algo que outrora seria efêmero e dar novas dimensões temporais e espaciais a essas relações.

A leitura de Milton Santos sobre a globalização penetra nas raízes desse processo, propondo não apenas desvendar suas projeções que são criadas e difundidas sob um discurso ideológico do capital, mas também buscar possibilidades de construção de uma nova história, mais humana e menos perversa. Em seu livro

Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal (2019), ele traz essa perspectiva para pensar o mundo contemporâneo, seus mecanismos e contradições, e será tomado como base dos argumentos aqui edificados. A questão deste artigo será trabalhada a partir da apreensão das três perspectivas da globalização identificadas e apresentadas por Milton Santos em sua obra supra citada. Junto a isso, serão apresentados pensamentos acerca da rede sociotécnica, refletindo sobre a cultura política a partir das ações observadas nessa ocasião.

Para subsídio da discussão, objetivou-se relacionar as três perspectivas da globalização de Milton Santos à luz da simbologia que esses monumentos da Vaca Magra e do Touro de Ouro trazem para a sociedade. Como objetivos específicos adotou-se: 1) Apresentar a situação socioeconômica e política do país; 2) Identificar ações da/na rede sociotécnica a partir da repercussão das instalações das obras selecionadas em frente à bolsa de valores de São Paulo, em novembro de 2020, e; 3) Refletir sobre a cultura política no Brasil no período pandêmico.

Imagens da globalização em tempos de pandemia

Em 2020, após a eclosão da pandemia de COVID-19, o Brasil atingiu estado de calamidade pública, provocando um longo período de isolamento social e interrupção das atividades culturais e econômicas em todo o território nacional. Somado a isso, a falta de uma política de Estado pautada na garantia de justiça social e compromissada com o combate à doença que assolava o país, que alcançou a marca de quase 700 mil mortes em território nacional. Esse cenário pandêmico foi agravado pelo quadro de fome e miséria que já vinha se intensificando nos últimos anos.

Foi nesse contexto, um ano e meio após a eclosão do coronavírus no Brasil, que em 17 de novembro de 2021, após um ano de planejamento e execução, a Bolsa de Valores do Brasil, a B3, inaugurou na calçada, em frente a sua sede no centro de São Paulo, a escultura denominada Touro de Ouro (Imagem 1).

Indignados com este ato, membros de movimentos sociais da cultura, rapidamente reagiram a esta ação, com um contra-movimento para fins de demonstrar a perversidade dessa narrativa disseminada pelos idealizadores do Touro de Ouro. O momento em que o Brasil passava (e ainda passa) é de inflação, desemprego em alta, aumento do número de pessoas no mapa da fome, dentre

outros agravantes sociais. Assim, nos dias seguintes à instalação do Touro de Ouro, artistas realizaram uma intervenção na escultura com aplicação de um *lambe-lambe* com a palavra “fome” (Imagem 5). Após os protestos e uma multa aplicada pela prefeitura municipal de São Paulo por violar a Lei Cidade Limpa adicionado à falta de licença, a empresa responsável pela instalação do Touro de Ouro foi multada e a escultura removida do local.

Imagem 1: O Touro de Ouro da B3



Fonte: B3 / Finanças e Empreendedorismo.

Dias após a retirada do touro, uma outra escultura promoveu debates acalorados nas redes sociais, ainda como repercussão desse episódio. Uma escultura denominada *Vaca Magra* (Imagem 2) foi instalada pela artista plástica Márcia Pinheiro e sua equipe, por algumas horas no mesmo lugar onde estava o Touro de Ouro. A vaca magra é a síntese da crítica ao contexto socioeconômico do país em meio à pandemia.

Imagem 2: A Vaca Magra



Fonte: Zanone Fraissat/ Folhapress.

Diante de duas ideias confrontantes, de que forma essas esculturas se inserem na leitura de globalização em Milton Santos? A globalização como perversidade revela-se diante do (ainda) atual cenário político-econômico brasileiro

onde é possível identificar altas taxas de inflação e desemprego, fome e miséria. O mundo como ele é, revela “a perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas” (SANTOS, 2019, p. 20).

Santos (2019) afirma que nunca na história da humanidade houve condições técnicas e científicas tão adequadas para construir um mundo digno e humano, e expõe a expropriação dessas condições por uma hegemonia que decidiu construir um mundo perverso. A discrepância entre a realidade brasileira e a narrativa dos idealizadores do Touro de Ouro, é justamente a contraposição entre a globalização como ela é: perversa, e a globalização como nos fazem ver: fábula. Ao mesmo tempo, a forma de organização para manifestações sociais, políticas e culturais e a própria repercussão desses fatos nas mídias digitais, amplia o alcance da rede sociotécnica como possibilidade de resistência, caracterizando a outra globalização: como ela pode ser.

Cultura globalizante e a história da carochinha

A ideia da globalização é projetada e propagada a partir de uma lógica que não é tangível no mundo material. Ela, segundo Santos (2019), se apresenta como fábula, e se perpetua apenas no campo do discurso, sustentando uma aparência que não corresponde à essência do processo. As fantasias criadas sugerem uma homogeneidade do mundo globalizado. A difusão e o acesso universal e instantâneo das informações, sugerem uma espécie de democratização das técnicas e das tecnologias em todo e qualquer espaço e a todo e qualquer indivíduo, idealizando assim, o que é chamado de aldeia global.

No entanto, o tipo de informação que circula de forma massiva e que é posta em rede, é questionável. Esse mito do encurtamento de distâncias, também deixa de lado os questionamentos sobre acesso. A noção de contração espaço-tempo é difundida a partir de uma minoria que *pode* experimentar os avanços tecnológicos. É essa minoria que difunde a narrativa hegemônica do encurtamento do tempo e do espaço.

O progresso das técnicas de informática, apropriadas pelos atores hegemônicos, sofisticaram as formas de comunicação e acumulação. O dinheiro encontra, nessa fantasia, sua forma mais abstrata e seu estado mais puro que

orienta todo o mercado global. Esse novo dinheiro torna-se onipresente. Fundado numa ideologia, esse dinheiro sem medida se torna a medida geral, reforçando a vocação para considerar a acumulação como uma meta em si mesma (SANTOS, 2019). Dessa forma, o comando se dá a partir do dinheiro global. Esse dinheiro fluido, que é também invisível, um dinheiro tornado praticamente abstrato, um dinheiro global e um dinheiro despótico, que tem um papel na produção atual da história, impondo caminhos às nações (SANTOS, 2019).

Milton Santos (2019), chama esse acesso privilegiado, de tirania da informação e do dinheiro. Essas são consideradas verdadeiras violências e, ao associarem-se ao atual sistema ideológico, formam o que o autor denomina globalitarismos. A violência da informação é caracterizada pelo papel despótico da informação e apropriação dos meios de comunicação pelos atores hegemônicos. “O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde” (SANTOS, 2019, p.39), enquanto a violência do dinheiro o torna o centro do mundo e recria o fetichismo pela própria ideologia em um ciclo de “loucura especulativa”, como chamava Marx, que fortalece o mercado financeiro (SANTOS, 2019).

A fluidez e a flexibilidade se tornam sinônimo de globalização e a ideia de contração do espaço e do tempo molda o que é entendido como sociedade contemporânea a partir dos fluxos de informação, de tecnologia, de interação organizacional, de imagens, de sons e símbolos e, de fluxos de capital. Entende-se por fluxo, as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais, nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade (CASTELLS, 1999). Diante da revolução técnico-científico-informacional, o espaço de fluxos pode ser descrito pela combinação de camadas de suporte, destacando-se a infraestrutura tecnológica como apoio à transferência de fluxos, considerando o espaço necessário à organização da produção capitalista (CASTELLS, 1999).

A ideia de rede certamente ilumina um aspecto importante da realidade - chama atenção para a complexidade das interações espaciais, resultantes do conjunto de ações desencadeadas em lugares mais ou menos longínquos. Assim a rede representa um dos recortes espaciais possíveis para compreender a organização do espaço contemporâneo (RAFFESTIN apud DIAS, 2005, p.23).

Nesse contexto, o mercado financeiro, na forma como é conhecido atualmente, é dependente desta rede que compõe o mundo global. O funcionamento nesse formato, alcança territórios de forma pontual, selecionando locais capazes de *cambiar* todos os tipos de dinheiro. No caso do Brasil: São Paulo. No entanto, é o local – como nó da rede mundial –, não se relacione de forma horizontal com o Lugar – como a dimensão da existência cotidiana compartilhada (SANTOS, 1996). Ao mesmo tempo em que não há uma fronteira física estabelecida entre essas duas dimensões.

Simbologias de poder e o reforço da narrativa envolvente de sucesso

O touro é reconhecido em todo o mundo ocidental como símbolo de sucesso, representando força, poder, rigidez e altivez, dentre outras ditas qualidades inerentes ao *homem*. No mercado financeiro, sua imagem é associada a períodos de alta da bolsa, enquanto a imagem do urso representa os períodos de queda das ações, que seu golpe é dado de cima para baixo.

Em 1985, a escultura denominada Bulle und Bär (o Touro e o Urso) (Imagem 3), foi instalada em frente à bolsa de Frankfurt, na Alemanha, como comemoração aos 400 anos do mercado financeiro europeu. Anos mais tarde, em frente ao prédio da bolsa de valores de Nova Iorque, o artista plástico Arturo Di Modica deixou de presente aos nova-iorquinos no natal de 1989, como representação da força e poder do povo americano, o *Charging Bull* (Imagem 4). A intervenção artística não estava autorizada, mas hoje após tentativa de remoção e de posicioná-la em diferentes pontos da cidade a escultura fica localizada no distrito de Manhattan, em Nova Iorque.

Imagem 3: O Touro e o Urso em Frankfurt



Fonte: Shutterstock.

Imagem 4: O Touro de Wall Street



Fonte: Carlo Allegri / Reuters.

O fato é que as duas esculturas são pontos turísticos do mundo globalizado, onde o sistema ideológico tem um papel fundamental. Santos (2019), afirma estarmos em uma Era caracterizada por ditaduras: a da informação e a do dinheiro, sendo a segunda dependente da primeira. Dito isto, refletir sobre os símbolos cultivados pela sociedade é um caminho possível para compreensão da origem das narrativas que contam as histórias. É a dimensão simbólica do espaço que representa a narrativa do mundo capitalista desenvolvido.

A noção de mercado global propõe o imagético de homogeneização do espaço, quando na realidade, amplia diferenças em escala local. Essa nova concepção do mundo como aldeia global, mostra a emergência de uma escala regional e novos agrupamentos territoriais em outras escalas e o local como um novo espaço de articulação (POGGIESE, 1999). Ribeiro (2012) enfatiza a conceituação do território usado por Milton Santos (1996) e aponta a perspicácia do autor ao perceber a necessidade de reinscrever o território na problemática relacional do espaço,

Porque o espaço é relacional, é da vida de relações. O problema está em que o território corta a vida de relações e materializa, de imediato, a experiência coletiva. Isso é uma redução da problemática do espaço, uma redução que traz consigo uma redução dos sentidos da ação (RIBEIRO, 2012).

Dessa forma, Poggiese (1999) considera que o local só pode ser entendido quando referenciado a um contexto global-regional, de forma que combinando estas dimensões se pode abordar o conhecimento da realidade como um todo complexo, já que estamos diante de uma multiplicidade de tempos sociais que coabitam o território (DIAS, 2005).

Nesse sentido, Luc Boltanski e Eve Chiapello (2009) argumentam que as práticas capitalistas são sustentadas justamente por ideologias hegemônicas capazes de direcionar comportamentos. São elas que sustentam o *espírito do capitalismo*, e não, como pode-se pensar, a lógica de valorização do capital e de investimentos ou as teorias que justificam esse modelo.

Entretanto, o neoliberalismo que rege o globo atualmente, vem desde o fim da Guerra Fria, fortalecendo ideologias como a da *competência* e a do *empreendedor de si mesmo* (CHAUÍ, 2014), que fortalecem a ideia de quem tem conhecimento, tem poder e, valoriza comportamentos individualistas e competitivos com discurso do mérito, o que pode ser considerado mecanismo de inferiorização do que é próprio das classes populares: o sentido de comunidade. Segundo Santos (2019, p. 38) “há um verdadeiro retrocesso quanto à noção de bem público e de solidariedade”. Ao mesmo tempo, adota-se uma narrativa que apresenta as mesmas condições para todos alcançarem o que é considerado sucesso na visão hegemônica. “É emblemático o encolhimento das funções sociais e políticas do Estado com a ampliação da pobreza e os crescentes agravos à soberania, enquanto se amplia o papel político das empresas na regulação da vida social” (SANTOS, 2019).

Assim, as ideologias neoliberais, nesse modelo político social, se tornam privilégios quando acabam por se contrapor a formação da cidadania, enquanto corpo de direitos conquistados “pela opção de alargamento de uma nova classe média em detrimento da massa de pobres que o “milagre” não apenas deixou de suprimir, como também aumentou” (SANTOS, 2020, p 26).

Marshall reconheceu no interior das democracias modernas a existência de uma tensão permanente, uma “guerra”, diz ele em determinado momento, entre o princípio de igualdade implícito no conceito de cidadania e a desigualdade inerente ao sistema capitalista e à sociedade de classes (WEFFORT *apud* SANTOS, 2020).

O entendimento do mundo conectado em rede global, pode fazer parecer isoladas as realidades inseridas e excluídas nessa malha. De acordo com BOLTANSKI&CHIAPELLO (2009), uma teoria crítica de exploração deve indicar que o sucesso de alguns deve-se à desvalorização do trabalho de outros. A partir disso, o autor conclui que é preciso então admitir a existência de um mundo compartilhado.

De fato, se de um lado temos fortes bem felizes e, de outro, pequenos em condições miseráveis, não havendo nenhum elo entre eles e movendo-se em mundos completamente diferentes, então a ideia de exploração não terá sentido. Esse mundo pode ser identificado a partir da intuição da rede. A

rede de fato constitui a forma que, focalizando-se nas relações, possibilita inserir num mesmo gráfico os mais fortes e os mais fracos, mas também - visto que os agregados de relações podem ser mais densos ou menos densos - os mais ligados e os menos ligados, os mais conectados e os menos conectados à rede, os incluídos no centro do diagrama e os excluídos, relegados às suas margens. Mas fortes e fracos não poderão pertencer a um mundo comum, sem que a felicidade de uns dependa da infelicidade de outros, e vice-versa? (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009 p. 370).

Nessa condição de fábula, a figura do Estado se torna inútil, sendo desejável que seu papel e sua presença sejam reduzidos a tamanhos insignificantes, deixando para que o mercado regule as relações econômicas e sociais. Como aponta Santos (2019), é exatamente dessa forma que seria o mundo tal como nos fazem vê-lo. Entretanto, o que percebe-se na realidade é a redução do Estado quando se trata de políticas públicas de distribuição de renda e promoção de justiça social, mas forte suficiente para garantir o avanço do neoliberalismo e a ampliação dos lucros da iniciativa privada.

Tempos de vacas magras: A globalização como ela é

De forma simplificada, o capital especulativo do mundo desenvolvido, só cresce seu valor real a partir do exercício despótico sobre territórios dependentes. O desenvolvimento desigual do capitalismo relaciona-se a categorias de apreensão da realidade como dependência, subdesenvolvimento, centro, periferia, etc. Esses espaços desiguais são, então, ordenados segundo um sistema de fluxos de drenagem das riquezas da periferia para o centro (SILVA, 2017).

Em 17 de novembro de 2021, após um ano de planejamento e execução, a Bolsa do Brasil, a B3, inaugurou em frente a suas instalações, a escultura denominada Touro de Ouro. De acordo com o portal da própria B3, o touro foi resultado de parceria com o economista e apresentador Pablo Spyer e o artista plástico Rafael Brancatell, e seria um presente para a cidade de São Paulo e para o mercado financeiro brasileiro. Ficaria instalada em frente ao prédio da B3 na rua XV de Novembro, no centro histórico da capital, e poderia ser visitada gratuitamente por paulistanos e visitantes, sendo considerada um ponto turístico, assim como o Touro de Wall Street.

De acordo com Felipe Paiva, diretor de Relacionamento com Clientes e Pessoa Física da B3:

Não havia momento melhor para o lançamento do Touro, depois de termos anunciado a chegada de 4 milhões de contas de brasileiros pessoas físicas à bolsa. Nada melhor do que receber esse público, na frente do nosso prédio, com um símbolo que estimulará ainda mais o interesse sobre a bolsa, seu funcionamento e a sua história (B3, 2021).

E, Gilson Finkelsztain, CEO da B3, declarou:

O Touro de Ouro representa a força e a resiliência do povo brasileiro. A B3 está trazendo esse novo símbolo para valorizar não apenas o centro de São Paulo, mas o desenvolvimento do mercado de capitais do Brasil, que passa pela própria história da bolsa. O centro é o coração do mercado financeiro e, após a fusão que originou a B3, em 2017, a companhia optou não apenas em permanecer na região, como em contribuir para sua retomada (B3, 2021).

Cabe ressaltar a semelhança da narrativa (re)produzida pelos idealizadores do touro às narrativas associadas a inauguração das duas esculturas integrantes do centro do capitalismo. Isso demonstra como a promoção da ideologia neoliberal é reforçada a partir de seu valor simbólico, onde pode-se identificar a presença de “uma ideologização maciça, segundo a qual a realização do mundo atual exige como condição o essencial exercício de fabulações” (SANTOS, 2019, p. 19).

Movimento social e resistência em rede

De acordo com o Relatório Mundial da Desigualdade de 2022, 10% da população mundial mais rica detém 76% da riqueza e 52% da renda, enquanto metade da população mundial fica com apenas 2% da riqueza e 8,5% da renda (PIKETTY et al. in MENEZES & SALVADOR, 2022). Esse panorama é resultado inegável da forma como atua o sistema financeiro globalizado contemporâneo.

O Movimento Raiz da Liberdade e da Juventude Fogo no Pavio, através de sua rede social retratou a ação. Em nota considera que a alusão ao Touro de Wall Street traz consigo toda a simbologia do mercado financeiro “acima da vida de milhões de brasileiros e brasileiras que sobrevivem em meio à dor da fome, da miséria e do desemprego” (MTST, 2021). Nos dias seguintes à sua instalação, o touro recebeu intervenções lembrando da situação econômica no país, como um lambe-lambe com a palavra “fome” (Imagem 5).

Imagem 5: Intervenções políticas no Touro de Ouro



Fonte: Reprodução/MTST.

O Movimento Juntos, em ato contra a fome, a desigualdade social e o desemprego, foi o responsável pelas intervenções em tinta preta (Imagem 6), com inscrições como “taxar os ricos”. De acordo com o portal G1, declararam: "seguiremos buscando expor a contradição entre a existência de bilionários enquanto o povo vive à procura de ossos de boi e carcaças de frango".

Paralelamente ao otimismo dos investidores, pouco mais de 10% da população estava vacinada com as duas doses àquela altura, os pedidos de falência cresceram mais de 50% em maio, e houve queda de 0,1% no consumo das famílias devido à redução do auxílio emergencial, do aumento da inflação e do desemprego em patamar recorde de quase 15 milhões de pessoas sem ocupação (Portal G1, 2021).

Imagem 6: Intervenções políticas no Touro de Ouro



Fonte: Ronaldo Silva / Estadão

Georg Simmel em *A metrópole e a vida mental* (1973) identifica uma mudança paradigmática na relação entre os indivíduos na cultura monetária contemporânea, compreendendo o dinheiro como meio de articulação das relações humanas na Era Moderna e, busca compreender como a expressão da individualidade e as inter-relações com a cultura são impactadas por essa relação de troca.

Além das intervenções supracitadas, um churrasco para população (Imagem 7) em situação de rua foi organizado pela Organização Não-Governamental (ONG) SP Invisível ao entorno do Touro de Ouro. De acordo com nota lançada pela ONG, foi escolhido churrasco por conta da alta dos preços de alimentos que levou muitas famílias a buscarem itens como gordura e ossos de boi nos açougues e até em caçambas de descarte, em contraste com o touro de ouro erguido no centro de São Paulo.

Imagem 6: Intervenções políticas no Touro de Ouro



Fonte: SP Invisível.

Simmel (1973) analisa também o excesso de estímulos urbanos e aponta que as percepções sensoriais são afetadas por esses estímulos, a ponto de causar indiferença e a perda de interesse nos habitantes e da capacidade de selecionar o que é importante na sociedade urbana moderna. Esse efeito é chamado por ele de atitude blasé ou prosaica característicos da forma de sociabilidade na vida urbana.

Nesse contexto, a arte e a cultura são meios de romper com a atitude prosaica de Simmel identificada principalmente nos grandes centros urbanos, onde a quantidade de informações e a própria dinâmica anestesia, principalmente, a classe trabalhadora.

A arte como representação e leitura da realidade

A arte, antes erudita, encontrada em espaços privilegiados e relacionada à história da nobreza, cumpria uma função simbólica de registrar as narrativas de poder. De certo modo, pode-se associar o Touro de Ouro, mesmo em território periférico, como uma replicação desta narrativa encantada da capital. Em contraposição, a Vaca Magra (Imagem 7) é uma manifestação artística, que ao promover uma pausa para reflexão pode ser encarada como denúncia da

perversidade da globalização, mas também como resistência. Com objetivo de chamar atenção para a fome e a miséria consequentes das secas nordeste do Brasil, a artista plástica cearense, Márcia Pinheiro, iniciou em 2011 o projeto Vacas Magras e circulou por cinco anos pelos espaços públicos de Fortaleza :

(...) as dez esculturas idênticas em forma de vacas eram expostas como elementos centrais para ações de guerrilha quando ocupavam a sede dos órgãos do governo do estado, como intervenção urbana ocupando os espaços públicos: praças, centros comerciais, terminais de ônibus urbanos, aeroporto, centro cultural, terminais rodoviários, universidade e postos de combustíveis. (...) Hoje o projeto segue com ações diferenciadas buscando alcançar um nível nacional, expandindo a visibilidade e o reconhecimento do trabalho, mas sempre com o foco na transformação social (PINHEIRO,2021).

Em 2021, duas semanas depois da retirada do Touro de Ouro, no mesmo local, foi instalada uma das Vacas Magras da coleção da artista, pintada em amarelo, reiterando o objetivo original do projeto, mas agora como reação direta ao Touro de Ouro. Em sua rede social, Marcia Pinheiro declarou: “A Ação Vaca Magra é uma resposta mais autêntica e real ao atual cenário brasileiro, principalmente à situação econômica e cultural do país”.

Em contraposição à imagem dos animais integrados à linguagem do mundo dos investimentos, a vaca representa a fartura e mansidão, mas principalmente, a vaca representa a fartura de alimento e a capacidade que tem uma única vaca de alimentar seus bezerros e outros mamíferos. Quando uma artista imprime a escultura de uma vaca magra em um lugar ocupado anteriormente por um touro, pode-se interpretar que a artista quer opor aquela imagem da fartura não apenas ao touro, mas também aquela associada à vaca idealizada de outros tempos, a que não existe mais, à vaca esquelética anunciando a falta de condições da população se alimentar dignamente nesse cenário.

Ao tratar a pesquisa urbana sob a perspectiva da *técnica, espaço e tempo* (2008), Milton Santos classifica os espaços globalizados - inseridos -, como luminosos e, os espaços não-globalizados - excluídos -, como opacos (SANTOS, 2008). Dessa forma, a racionalidade global não encontra fluidez em todo território e encontra as zonas de resistência, onde a informação e o capital não fluem na mesma velocidade e não circulam através dos mesmos meios técnicos necessariamente. Dessa forma, identifica-se diferentes formas de atuação principalmente nas metrópoles, formados por esses dois espaços supracitados onde

atuam os agentes dos circuitos superior (luminoso) e inferior (opacos) (SANTOS, 2008).

No mesmo sentido, a manutenção da diferença entre local e lugar é considerada necessária por Ribeiro (2012) que reconhece a importância dos valores culturais veiculados por movimentos e redes sociais, que incluem vínculos comunitários, experiências religiosas, relações étnicas e aprendizados ancestrais. Movimentos estes, não contemplados pelas análises do território (apenas), que consideram apenas os atores hegemônicos (RIBEIRO, 2012).

Neste panorama, compreender as novas possibilidades de interação proporcionadas pela sociedade em rede e como a utilização da tecnologia pode ser determinante nos processos de transformação da sociedade (CASTELLS *apud* EGLER, 2019), se torna fundamental para análise da própria rede sociotécnica e a capacidade de organização social em torno de sentidos de compartilhamento, colaboração e solidariedade (EGLER, 2019).

Considerações finais

A problemática deste trabalho extrapola os episódios expostos aqui. O exercício metodológico proposto foi como um treino para identificação dos processos expostos por Milton Santos (2019), em *suas* três globalizações, e que podem ser vislumbrados a partir de diversos pontos de análise.

Num contexto de disputa ideológica, torna-se relevante o registro das efemeridades, principalmente quando estão relacionadas à organização popular e à resistência cultural, opondo-se às permanências hegemônicas. Os registros subsidiam os pesquisadores dedicados à compreensão da dinâmica urbana interessados em relacionar processos para além do visível, chamando atenção para a dimensão simbólica e imaterial do espaço.

O meio técnico-científico-informacional modificou a forma de organização do espaço e tem dado condições para o avanço neoliberal. O mercado financeiro global é a grande rede do capitalismo ocidental. Enquanto uns comemoram o avanço do mercado financeiro, outros fazem fila para o osso. Em nível local, os nós da rede mundial promovem uma discrepância de acesso entre os que estão integrados à dinâmicas dos espaços luminosos e os que vivem nos espaços opacos.

Entretanto, mesmo com menor força que em outros tempos, os movimentos sociais resistem e, como previu Milton Santos em uma visão mais otimista, têm cada

vez mais se apropriado das ferramentas técnicas, capazes de fazer repercutir suas ações através das ações em rede sociotécnica.

O olhar crítico para a repercussão das instalações do Touro de Ouro e da Vaca Magra apresenta uma nova perspectiva de análise do espaço, a partir da leitura das dinâmicas impulsionadas, nesse caso, pelas esculturas, mas que poderia ser realizada por meio da interação com outros campos da produção artístico-cultural, além das artes plásticas, como a literatura, as artes visuais e o audiovisual.

Referências

ASSIS, Wendel Ficher. **Capitalismo sem democracia: Neoliberalismo autoritário e colonização da política**. In: ASCELRAD. (Org.). **Neoextrativismo e autoritarismo: Afinidades e convergências**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O Novo Espírito do Capitalismo**. Traduzido por: Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. vol. 3**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência: Escritos de Marilena Chauí, vol.3**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DIAS, Leila Christina. **Os sentidos da rede: notas para discussão**. In DIAS, Leila; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**, p. 11-28, Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

EGLER, Tamara. **Da rede para o campo: Um pequeno ensaio de método** in TONKONOFF, S. (Org.). **Teoría social desde América Latina**. Buenos Aires: Pluriverso, 2019.

MENEZES, Roberto G.; KRAYCHETE, Elsa S. **Desigualdade global e desenvolvimento**. Salvador: Caderno CRH, v. 35, 2022.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 29º ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

_____. **O espaço do cidadão.** 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2020.

_____. **Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.** 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SILVA, Armando C. da. **Características do espaço econômico industrial.** São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, v. 48, 2017.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental.** Traduzido por: Sérgio Marques Dos Reis. In: VELHO, G. **O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

POGGIESE, Héctor; REDÍN, María Elena; ALI, Patricia. **El Papel de las Redes en el desarrollo local como prácticas asociadas entre estado y sociedad.** Argentina: Paper FLACSO, 1999.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Territórios da sociedade, impulsos globais e pensamento analítico: por uma cartografia da ação.** Rio de Janeiro: Revista Tamoios, v. 8, 2012.

Sites

B3. **B3 Inaugura Escultura de Touro de Ouro.** Portal B3, São Paulo, 16 de novembro de 2021. Disponível em: https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/b3-inaugura-escultura-de-touro-de-ouro.html. Acesso em: 15 ago. 2022.

BRASIL DE FATO. **Churrasco Reúne Pessoas em Situação de Rua em Frente ao Touro de Ouro da Bolsa de SP.** Brasil de Fato, São Paulo, 8 de Novembro de 2021. Política. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/18/churrasco-reune-pessoas-pessoas-em-situacao-de-rua-em-frente-ao-touro-de-ouro-da-bolsa-de-sp>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FOLHAPRESS. **Touro de Wall Street: Conheça a História de Um Símbolo de Força e Poder.** Valor/O Globo, São Paulo, 18 de novembro de 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2021/11/18/touro-de-wall-street-conheca-a-historia-de-um-simbolo-de-forca-e-poder.ghtml>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FONTES, Giulia. **A História de Touro de Wall Street.** Folha de São Paulo. São Paulo, 17 de novembro de 2021. Cultura. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2021/11/a-historia-do-touro-de-wall-street/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

G1. **Touro de Ouro de Bolsa de Valores do Centro de SP é Alvo de Protesto pelo Segundo Dia Consecutivo Em SP.** Portal G1/Globo, São Paulo, 18 de novembro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/18/>

touro-de-ouro-da-bo lsa-de-valores-no-centro-de-sp-e-alvo-de-protesto-pelo -2o-dia-consecutivo-em-sp.ghtml. Acesso em: 15 ago. 2022.

LAPA, Loyane. **Touro de Ouro: Por Qual Motivo o Animal foi Escolhido Para Ficar na Sede da Bolsa.** Portal Terra, São Paulo, 18 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/touro-de-ouro-por-qual-motivo-o-animal-foi-o-escolhido-para-ficar-na-sede-da-bolsa,1725b3c199ecedb55e651e2f6f9b23d4w3m4jo9l.html>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PINHEIRO, Márcia. **Intervenção Urbana Vaca Magra SP.** Dezembro de 2021. Disponível em: <http://marciapinheiroarteecultura.com/intervencao-2/intervencao/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MTST. **O Centro de São Paulo Amanhece Nesta Quarta-Feira 17 de Novembro com uma ação do movimento Raiz da Liberdade e Movimento Fogo no Pavio São Paulo.** 17 de novembro de 2021. Facebook: Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Disponível em: <https://m.facebook.com/mtstbrasil/photos/o-centro-de-s%C3%A3o-paulo-amanhece-nesta-quarta-feira-17-de-novembro-com-uma-a%C3%A7%C3%A3o-do/4684472578257703/>. Acesso em: 17 de ago. 2022.

SILVA, Ronaldo. **Em São Paulo, Touro de Ouro da Bolsa de Valores é vandalizado.** 18 e novembro de 2021. Disponível em: <https://pleno.news/brasil/cidades/em-sao-paulo-touro-de-ouro-da-bolsa-de-valores-e-vandalizado.html>. Acesso em 17 de ago. 2022.